

A culpa do sobrevivente

Moacyr Scliar*

Mais de sessenta anos se passaram depois do Holocausto e até hoje o sombrio acontecimento provoca polêmicas e discussões. Não estamos falando apenas nos chamados “revisionistas”, aqueles que, sob o pretexto do rigor histórico, na verdade dão vazão a seu anti-semitismo. Ao discutir se o número verdadeiro de vítimas foi seis milhões, ou cinco milhões ou quatro milhões (um processo de regatear que, no passado era atribuído a comerciantes judeus) na verdade essas pessoas formulam um raciocínio que pode ser assim resumido: o número de vítimas dos campos de concentração foi ampliado. Por quem? Pelos judeus. Por que? Porque eles são pérfidos mentirosos. Logo, mereciam o Holocausto. Que pode não ter existido, segundo o argumento, mas que deveria existir.

Mas existem outras questões, menos cínicas e mais perturbadoras. Uma pergunta que muitas vezes é feita (e Hannah Arendt provocou muita indignação ao fazê-la) é: por que os judeus se submeteram passivamente ao Holocausto? Por que se deixaram conduzir como ovelhas para o matadouro?

A resposta é complexa. Para começar, a submissão não foi a regra; numerosas rebeliões ocorreram, o levante do gueto de Varsóvia (1943) sendo o mais conhecido. De outra parte, os nazistas foram muito hábeis em enganar as pessoas: as câmaras de gás (cuja existência alguns chegam a negar) eram apresentadas como “medida higiênica”. O nazismo representava o poder estabelecido, a lei. Uma lei que os próprios nazistas tinham criado mas que, para um grupo marginalizado, era algo respeitável, temível. Depois, as medidas que levariam ao extermínio foram sendo estabelecidas gradualmente, com progressiva supressão da dignidade das pessoas e de sua própria condição humana. Por fim, e mais importante, a culpa ancestral minou qualquer possibilidade de resistência. Um detalhe penoso nesta sombria história é de que, não raro, os que escaparam vivos sentiam-se culpados. É a culpa do sobrevivente, que se expressa por um monólogo acusador: eu deveria ter morrido com eles, eu deveria ter morrido no lugar deles, se não morri é porque sou tão mau, tão perverso, que consegui escapar. A sensação de não ter feito o suficiente para salvar vítimas agrava esta culpa, que pode acometer até mesmo aqueles que, num momento de tragédia como é um ato terrorista, são espectadores casuais.

A culpa do sobrevivente às vezes se externa pelo testemunho, como se vê em numerosos livros e documentários; mas isto não diminui a insuportável carga que representa. O suicídio pode ser, nestes casos, a derradeira solução para o tormento. Isto ocorreu com escritores e intelectuais que passaram por campo de concentração e sobreviveram, ou que conseguiram escapar dos nazistas: o escritor judeu-italiano Primo Levi (1919–1987) prisioneiro em Auschwitz; o poeta romeno Paul Celan (1920–1970), autor do dilacerante *Todesfuge*, que fala do “negro leite da morte”; o psicólogo austríaco Bruno Bettelheim (1903-1990), o já mencionado jornalista e escritor Arthur Koestler (1905-1983); o escritor austríaco Stefan Zweig (1881–1942), que, asilado no Brasil, suicidou-se com a esposa em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Estes exemplos não são obviamente, suficientes, para configurar uma regra, uma relação de causa e efeito. Mas sugerem alguma conexão, modulada, naturalmente, pelas características pessoais. A culpa não se restringe aos sobreviventes, mas pode se estender aos filhos deles, sobretudo àqueles que levam uma vida confortável, capaz de gerar neles o sentimento de culpa, agravado pelos próprios pais: “Você pensa que tem problemas? Isto é porque você não sabe o que é ter problemas.” Uma situação ainda mais complicada emerge quando os sobreviventes tinham uma família (cônjuge, filhos) chacinada no Holocausto. Quando voltam a casar, quando têm outros filhos, muitas vezes mantêm em

segredo a existência da família anterior. E este segredo, se e quando revelado, resulta em trauma, e culpa, para o sobrevivente e para o novo grupo familiar.

Ou seja: o Holocausto continua repercutindo, provocando, através de gerações ondas de choque emocional. A esta altura, memória e História já se fundiram numa coisa só. O que torna o entendimento mais difícil. Porém mais necessário.

***Moacyr Scliar** é escritor e médico. Membro da Academia Brasileira de Letras e autor de vários livros, entre eles: *O centauro no jardim*, *A mulher que escreveu a Bíblia*, *A estranha nação de Rafael Mendes* e *A orelha de Van Gogh*.